

## APRESENTAÇÃO

Quando tomamos conhecimento da homenagem que a Sociedade Brasileira de Sociologia faria à Maria de Nazareth Baudel Wanderley, em julho último de 2011, imediatamente pensamos em fazer este número da RURIS dedicado à professora, fundadora e primeira diretora do CERES – Centro de Estudos Rurais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp - ao qual esta revista está associada<sup>1</sup>. Poderíamos tomar o tema do último Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, SBS, Mudanças, Permanências e Desafios Sociológicos, para conduzir a apresentação desta RURIS, pois são essas as inquietações que atravessam a obra de Maria de Nazareth Baudel Wanderley sobre o mundo rural.

<sup>1</sup> Remetemos o leitor ao depoimento dado por Maria de Nazareth Baudel Wanderley “Ser socióloga do “mundo rural” na Unicamp, memórias muito vivas” (Ruris, vol.1, no. 1, 2007).

Este número da Ruris aproveita, pois, a ocasião da homenagem que a SBS fez à Nazareth, como carinhosamente os amigos e colegas se referem à professora, conferindo-lhe o Prêmio Florestan Fernandes pelas contribuições que o conjunto de sua obra traz à Sociologia e vem fazer coro a essa homenagem com um dossiê que conta com a colaboração de vários de seus ex-orientandos, hoje profissionais de destaque em seus campos de atuação. No dossiê que ora apresentamos vemos recolocadas as questões fundamentais para entender o “lugar do rural” na formação do Brasil e na sua conformação contemporânea e, nesse sentido, vale lembrar que a questão agrária tratada por Nazareth já nos anos de 1970 se desdobra e se atualiza na questão ambiental, na questão dos direitos fundiários e territoriais, na emergência de novos atores e ruralidades, temas incorporados à sua reflexão ao longo de sua trajetória intelectual atestando a vitalidade de sua produção e sua disposição em partilhar e incorporar contribuições das novas gerações, incluindo aí, certamente, aqueles que ela própria formou.

<sup>2</sup> Agradecemos à professora Sônia Maria Pessoa Bergamasco pela sugestão de publicar aqui o Agradecimento e a Conferência proferidos por Maria de Nazareth Baudel Wanderley na reunião da SBS por ocasião do recebimento do Prêmio Florestan Fernandes, bem como pelo primeiro contato feito com a professora para viabilizar a publicação dos seus textos.

O dossiê abre com o Agradecimento feito por Nazareth ao Prêmio que lhe foi conferido pela SBS<sup>2</sup>. Qual o interesse destas palavras aqui? Com elas além de narrar sua trajetória acadêmico-institucional, Nazareth expressa com toda a clareza a sua compreensão da Sociologia de um modo geral e da Sociologia que ela pratica para entender seu campo de conhecimento específico, o rural. E, de forma tocante, vai nos falar também de como percebe e vive a relação com os homens e mulheres, seus interlocutores em campo e, trazendo para o seu texto situações vividas em distintos campos, reconhece que deve a eles a “orientação de sua formação e o enriquecimento de sua experiência humana”. Estas suas palavras nos convidam a pensar porque, como ela nos propõe, “não é possível pensar os trabalhadores rurais apenas como força de trabalho e os camponeses apenas como precários agricultores”. Vale a pena a leitura deste texto a revelar uma combinação desejável entre rigor e afeto que atravessa a obra de Nazareth. Em seguida, apresentamos a Conferência proferida também na SBS por Nazareth. A conferência abre rendendo homenagem ao professor Florestan Fernandes, que dá o nome ao Prêmio por ela recebido, e mostra-nos como encontra em suas obras argumentos para desenvolver reflexões sobre processos absolutamente contemporâneos. Mostra-nos os aspectos da sociedade brasileira percebidos pelo professor Florestan Fernandes como as formas de dominação patrimonialistas e as correspondentes relações de uma economia agrária que reproduzem um “trabalhador semilivre”, na expressão de Florestan, ainda nos dias atuais. Nazareth se indaga sobre o como e o quanto os processos nos quais as distintas ordens societárias como a patrimonialista e uma outra que se quer “moderna”, industrializada e urbana, estão imbricadas e afetam o mundo rural contemporâneo. O que esses processos geram, por um lado, de desigualdades e assimetrias e, por outro, de “solidariedades e afirmação de identidades e direitos”. Aponta, assim, para processos complexos que evidenciam disputas entre “distintos projetos de sociedade”. Quando questões como

estas se colocam, não se está discutindo o mundo rural, mas toda a sociedade brasileira, suas continuidades e mudanças.

O artigo de Ricardo Abramovay e Arilson Favareto abre com um tributo às contribuições que Nazareth Wanderley oferece ao entendimento do mundo rural contemporâneo e especialmente para o estudo da dimensão territorial do desenvolvimento das regiões rurais brasileiras. O artigo “Contrastes Territoriais dos Indicadores de Renda, Pobreza Monetária e Desigualdade no Brasil da Década de 1990”, resulta de um programa de pesquisa mais amplo e em curso sobre as “Dinâmicas Territoriales Rurales”, dentro do qual o Brasil é um dos treze países estudados. Partindo de dados dos censos demográficos de 1991 e 2000, os autores apresentam um panorama dos indicadores de renda (renda familiar *per capita*), pobreza e desigualdade, contrastando as regiões urbanas e rurais brasileiras. Com o rigor que lhes é próprio, salientam que o artigo não traz conclusões definitivas sobre o tema, em especial no que se refere aos motivos da ocorrência dos indicadores censitários conforme a região brasileira, e conforme se trate de uma área considerada rural ou urbana, os dados permitiram aos autores fazer duas importantes constatações. A partir de uma análise eloqüente das diversas regiões do país - Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul - sempre bem contextualizadas, a primeira constatação é a de que durante a década de 1990, as áreas rurais alcançaram resultados socioeconômicos bem mais positivos que os das grandes cidades. A outra constatação é a de que não há uma coincidência entre os chamados pólos dinâmicos e a ocorrência de bons indicadores de renda, pobreza e desigualdade. Estas constatações colocam em questão uma associação simples e direta entre urbanização e desenvolvimento. Nesse sentido, vale conferir a importante discussão trazida neste artigo sobre territórios, crescimento econômico e bem-estar lançando mão de contribuições de distintas áreas do conhecimento, da geografia econômica à economia, que irão fundamentar as análises profícuas destes autores.

O artigo de Sérgio Schneider “Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural” é dedicado à Nazareth, como o leitor poderá constatar na apresentação feita pelo autor. Contrapondo-se à crença da especialização como a forma mais eficiente e eficaz de alocação, uso e gestão de recursos disponíveis pelos agrupamentos sociais, o artigo de Sérgio Schneider alinha-se a abordagens sociológicas e econômicas que privilegiam a diversidade e a diversificação produtiva como base para a democracia, criatividade e inventividade humana. Por meio desta proposta conceitual e analítica da diversidade, o autor adentra no complexo debate sobre desenvolvimento rural brasileiro. Sérgio Schneider faz nos notar que, se, de um lado, a modernização conservadora do campo, ocorrida no Brasil a partir dos anos 1960, levou a um aumento da produção e da produtividade no setor agrícola; de outro, tratou-se de uma modernização que alcançou e contemplou apenas uma pequena parcela de agricultores, aqueles que puderam e conseguiram se modernizar. E o que aconteceu aos outros agricultores, aqueles que são maioria no campo, mas foram alijados desse processo modernizante? Trata-se aqui de uma discussão que não é recente, mas cara aos estudos rurais, que é o da persistência e da reprodução, do lugar da agricultura e, principalmente, de uma lógica camponesa na sociedade capitalista. Num diálogo com essas questões, o artigo de Schneider argumenta que a persistência de formas familiares de trabalho e produção familiar, organizadas em combinações tripartites entre família, propriedade de terra e recursos econômicos, são tributárias da diversidade e diversificação produtiva presente no campo brasileiro. Uma heterogeneidade que requer uma maior atenção dos analistas do mundo rural e que deve estar na base dos projetos de desenvolvimento rural.

É ouvindo os ecos das contribuições de Nazareth que começamos a ler o artigo do professor João Carlos Tedesco, “Modernização, patrimônio cultural e dinâmicas familiares:

estratégias camponesas territoriais de desenvolvimento do centro-norte do RS”. Ao estudar pequenas unidades familiares rurais no centro-norte do Rio Grande do Sul, uma região marcada, desde os anos 1960, por um modelo agrícola produtivista dominado pela soja e pelas grandes e médias propriedades fundiárias, João Carlos Tedesco observa uma articulação entre modernidade e tradição presente nas estratégias de trabalho das famílias. Tomando por foco as práticas e os saberes presentes nas agroindústrias caseiras, nas confecções artesanais e nas formas que as famílias comercializam seus produtos, destaca o importante papel do patrimônio cultural e das identidades étnicas das famílias, italianas, polonesas e caboclas. E, nesse sentido, falamos das configurações étnicas que compõem “territórios étnicos”, apontando para dimensões simbólicas que caracterizam em certa medida as práticas produtivas, e ao mesmo tempo, a elas agregam maior valor econômico. Através de dados empíricos o artigo mostra como, otimizando suas redes de relações, incorporando o novo em algumas atividades produtivas, dá-se a reprodução de famílias de agricultores familiares na região, favorecendo a permanência de seus filhos e filhas, dentro de um sistema onde a tradição, presente em seus valores étnicos e culturais, convive e se atualiza em face de processos de modernização. Ao buscar uma compreensão do mundo rural brasileiro, o artigo “A colonização do mundo rural e a emergência de novos atores” de Alfio Branderburg começa por se perguntar os sentidos do “rural” e filia-se à compreensão trazida por Nazareth Wanderley “entendendo que mundo rural é formado pela coexistência de rurais de tempos e espaços diferenciados”. O autor parte da premissa de que na sociedade global há uma tensa articulação entre um “mundo da vida rural”, com interesses associados à vida social e à natureza, e outra dimensão da sociedade, de cunho dominante, com predomínio de interesses mercantis e financeiros. Opondo-se à tese do fim do mundo rural, o autor denomina de “colonização” os processos de transformação

social e política vivenciados no mundo rural, comandados por interesses urbano-industriais, que tiveram seu auge na década de 1970, com a política militar de modernização agrícola. Processos que não levaram à extinção, mas à reconstrução do ambiente diversificado que compõe hoje o mundo rural brasileiro. Uma diversidade que a modernização não conseguiu homogeneizar, constituída por novos atores sociais, indivíduos e movimentos sociais. Nesse processo situa a ecologia como um novo campo de disputa entre atores diversos, dentre eles os agricultores, os movimentos ecológicos, os “neorrurais”, o Poder Público, os consumidores e o mercado. Branderburg aponta que ao tempo em que novos atores sociais emergem, novas racionalidades se põem em ação, como é o caso da “racionalidade ambiental ou ecológica”, dentro de uma composição formada por uma tradição camponesa constantemente reinventada e por modernos processos técnicos, presentes na atual sociedade globalizada. Todos os artigos apresentados pelos professores ex-orientandos da professora Nazareth Wanderley estão atravessados pelas preocupações em relação aos desafios que os processos de mudança impõem tanto de um ponto de vista do conhecimento sobre a realidade rural, como para a reprodução das formas de existência dos agricultores que povoam os espaços rurais. Em todos eles sente-se uma preocupação de fundo: que “projetos de sociedade” estão em disputa quando falamos em “desenvolvimento” ao tratarmos das realidades rurais. Todos os artigos aqui apresentados contribuem para esta reflexão.

Para fechar este número da *Ruris*, trazemos a primeira parte de uma entrevista realizada por André Souza Martinello com o professor Carlos Rodrigues Brandão. Essa entrevista foi realizada bem antes da nossa proposta de organizar um dossiê em homenagem à professora Nazareth. Mas ela encontra o seu lugar nesta *Ruris*. Lembramos aqui que o professor Carlos Rodrigues Brandão foi o vice-diretor do CERES, quando da sua fundação, período em que Nazareth exerceu a direção do Centro.

Nesta primeira parte da entrevista temos um relato cheio de afeto do professor Brandão, como é conhecido e referido por seus alunos e colegas, nos contando como aquele menino nascido no Rio de Janeiro, em Copacabana, chega à vida de antropólogo apaixonado pela cultura popular e pelo mundo rural. Formado em Psicologia, tendo antes passado brevemente pelo curso de Filosofia, narra-nos a importância de suas experiências junto aos movimentos sociais, primeiro os estudantis, com a JUC, Juventude Universitária Católica, e depois com o Movimento de Educação de Base (MEB).

Conta-nos que foi nessas vivências, em especial no trabalho militante com educação popular que conheceu e se interessou pelas pessoas e pela “cultura do povo do campo”. Com as duras e crescentes intervenções sofridas pelo MEC nos tempos da ditadura militar, como muitos de seus companheiros, deixa o MEB em 1967 e vai para o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), que mais tarde viria a ser o INCRA. Dessa experiência retorna à Universidade, então como professor na faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Um ano depois vai trabalhar na Universidade de Goiás. Mas conta-nos que é em 1972 quando ingressa no curso de mestrado em Antropologia na Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Roberto Cardoso de Oliveira, que começa sua vida de antropólogo. Nas palavras do professor Brandão: “aí é o meu grande encontro”. Para a nossa sorte e alegria, tal como para Nazareth, a sua vida intelectual profícua nunca se interrompeu com a aposentadoria – ambos se aposentaram pela Unicamp - e esses nossos mestres continuam propondo e liderando novas pesquisas e formando novas gerações de profissionais. A primeira parte da entrevista com o professor Brandão que ora publicamos, nos mostra que muitas de nossas escolhas acadêmicas e profissionais têm relação direta com nossa experiência biográfica e existencial. Vale a pena acompanhar a sua trajetória e ir descobrindo quem são os seus interlocutores na vida e nas pesquisas, nela encontraremos alguns de nossos conhecidos estudiosos do mundo rural.

Finalizamos esta apresentação agradecendo imensamente aos professores Arilson Favareto, Ricardo Abramovay, Sérgio Schneider, João Carlos Tedesco e Alfio Brandenburg, por terem se disposto a colaborar neste dossiê respeitando o prazo muito breve que tivemos para organizá-lo. E, em tempo, gostaríamos de recomendar a leitura de duas publicações recentes de Nazareth B. Wanderley, o livro *O Mundo Rural como um espaço de vida – reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade* (Ed. UFRGS, 2009), que nos dá acesso aos principais artigos da professora, antes publicados de maneira dispersa entre coletâneas e revistas científicas, e o artigo “A sociologia rural na América Latina: produção de conhecimento e compromisso com a sociedade”, publicado na *Revista da Associação Latino Americana de Sociologia Rural* (2010). Com isso, convidamos os leitores a conferir como as contribuições da obra de Maria de Nazareth Baudel Wanderley ecoam de distintas maneiras nos escritos dos autores aqui apresentados.

Emilia Pietrafesa de Godoi  
Departamento de Antropologia,  
Ceres, IFCH, Unicamp

Verena Sevá Nogueira  
Ceres, IFCH, Unicamp